

Saber local e saber pretensamente universal, no contexto da globalização¹

Local knowledge and supposedly universal knowledge in the context of globalization

José Marín²
jmarin@dplanet.ch

Resumo

O grande desafio imposto à educação pela globalização enquanto processo de dominação cultural nos obriga a refletir sobre que tipos de educação necessitamos em função de cada contexto local. Entendemos a educação como um processo cultural de transmissão de visões de mundo, sistemas de valores e conhecimentos. Na medida que não respeita a biodiversidade nem a diversidade cultural, a globalização perverte as referências reais e simbólicas dos contextos locais. O desafio atual que a educação deve assumir frente a essa imposição é o de construir, entre outras coisas, com numa reflexão intercultural, um tipo de educação que valorize e respeite a biodiversidade e a diversidade cultural, na perspectiva de imaginar um projeto de sociedade viável. A educação tem de promover um sistema de valores e respeitar cada contexto ecológico e histórico. Ela deverá valorizar as culturas, as línguas e os saberes locais, adaptando-se às necessidades, ao potencial e às limitações de cada realidade local em função do contexto global.

Palavras-chave: saber local, globalização, educação intercultural, biodiversidade, diversidade cultural, sociedade viável.

Abstract

The big challenge that globalization as a process of cultural domination poses to education forces us to reflect on the kind of education needed in every local context. By education we mean a cultural process of transmission of worldviews, value systems and forms of knowledge. As globalization does not respect neither biodiversity nor cultural diversity, it distorts the real and symbolic references of local contexts. Thus the present challenge to be taken up by education vis-à-vis such a context is to build, on the basis of an intercultural reflection, a kind of education that values and respects biodiversity and cultural diversity with a view to envisioning a project of a viable society. Education must promote a system of values and respect each ecological and historical context. It must value local cultures, languages and forms of knowledge, adjusting to the needs, potentials and limitations of each local reality within the global context.

Key words: local knowledge, globalization, intercultural education, biodiversity, cultural diversity, viable society.

¹ Nota dos organizadores: esse texto foi traduzido pelos Editores a partir do original em castelhano "Saberes locales, saberes globales", sendo este apresentado pelo autor na forma de Conferência, no XII ENDIPE, em Curitiba, a 30 de agosto de 2004. As referências foram mantidas em sua forma original.

² José Marín é doutor em Antropologia pela Universidade de Sorbonne e diplomado pelo Instituto de Altos Estudos da América Latina em Paris. Realizou estudos sobre a problemática do Desenvolvimento e sobre a Ecologia Humana. É diplomado pelo Instituto Universitário de Estudos do Desenvolvimento e da Academia Internacional do Meio Ambiente de Genebra. Atualmente trabalha com a Rede Universitária Internacional de Genebra (RUIG), da Universidade de Genebra, no projeto de pesquisa: "A Educação frente à Globalização e aos Direitos Humanos".



A luz e a verdade não pertencem a ninguém e é melhor que assim seja.

A percepção visual da "realidade/verdade" de um objeto ou sujeito não é necessariamente o que temos frente a nossos olhos. Essa "realidade/verdade" pode encontrar-se à esquerda, à direita ou atrás de nossa percepção. Por esse motivo, é muito importante que desfocalizemos nossas percepções e construamos uma visão global, que seja acompanhada pela idéia de uma totalidade, relacionada em todas as suas partes.

Essa visão global é denominada pelos indígenas amazônicos de "olho de pescador" e tem uma abrangência de 360°.

Igualmente, a luz não pode ser propriedade de ninguém e vive no brilho dos olhos das crianças, nos reflexos do sol na água e na pele das folhas das árvores nos bosques.

A luz é como a verdade: todos nós possuímos um pouco de luz e cada um de nós tem dela apenas uma parte. Se quisermos que nasça um novo amanhecer, devemos juntar todos os fragmentos de luz e unir toda a energia que possuímos, para que volte a nascer a vida.

Introdução

Pensar na relação entre conhecimentos locais e conhecimentos globais, em um contexto determinado, leva-nos a estudar a história das relações de poder, entre as culturas dominantes e as culturas dominadas.

"Saber é poder" seria a afirmação que resume essa premissa. O saber é um suporte para a dominação, em todos os territórios das atividades humanas. No processo atual da globalização, a dominação do saber científico e tecnológico é simbolicamente determinante das relações de poder.

Uma longa história de valorização e desvalorização dos conhecimentos tem marcado a relação entre as culturas dominantes e as culturas dominadas, reproduzindo-se nos sistemas educativos que se impuseram às sociedades, desde a época de dominação colonial e pós-colonial.

A escola oficial encarregou-se de transmitir a visão de mundo, o idioma e a cultura dominantes. Foi uma instituição eficaz para reduzir, depreciar e marginalizar os idiomas, as visões de mundo e os saberes locais. A igreja e a escola tiveram a função de impor uma visão de mundo e determinados conhecimentos valorizados pela cultura dominante, utilizando-se de processos históricos de evangelização e de alfabetização.

As reflexões sobre esse tema nos levam a algumas perguntas norteadoras:

- Quem determina o valor de um conhecimento e lhe outorga um caráter universal?
- Quais são os conhecimentos reconhecidos como parte da cultura dominante?
- Quem marginaliza e não reconhece certos conhecimentos e os reduz a um valor local, ou acaba por folclorizar os saberes dominados?
- Qual é a visão de mundo que sustenta a interpretação e o conteúdo dos conhecimentos?

- Quais são as relações entre os conhecimentos e a nossa realidade, demandando por sua congruência para com nossas necessidades e nossos interesses?

Com a intencionalidade de explicitar as relações fundamentais que existem entre os conhecimentos locais e os conhecimentos chamados universais, no contexto atual da globalização, somos levados a refletir sobre o sentido e a direção da função da educação.

Atualmente necessitamos repensar e questionar as teorias, os conceitos e as metodologias de aprendizagem, para que possamos ter os elementos necessários para a reflexão sobre a Didática nas suas relações com os contextos, locais e globais, nos quais se insere cada realidade.

Necessitamos superar a fragmentação do conhecimento, para reunir em nosso pensamento as partes com a totalidade, como primeira condição para a ação educacional. Assim, a partir de uma perspectiva que descreva as relações do contexto global e local, poderemos encontrar as melhores formas de trabalhar pedagogicamente com os conhecimentos.

Para abordar essa problemática de uma forma introdutória, trataremos inicialmente do contexto histórico da globalização, no qual se inscrevem as relações entre os conhecimentos locais e "universais", tentando repensar as alternativas, para imaginar uma educação capaz de adaptar-se às necessidades e aos interesses de nossas sociedades.

Globalização: conceitos, interpretações, paradoxos e desafios

A palavra "globalização" é a tradução para o português do termo inglês *globalization*, utilizado nos Estados Unidos da América do Norte desde os anos 80 do século XX. Originalmente, esse conceito se refere a uma suposta liberação planetária dos intercâmbios econômicos. Desde os anos 90 o termo tem sido reelaborado e se aplica para além do campo econômico, na informação e no âmbito da cultura, entre outros. Atualmente a globalização está associada à hegemonia da geopolítica dos Estados Unidos.

A globalização está fundamentada na ideologia neoliberal, que impõe uma "liberdade" do setor empresarial, para beneficiá-lo com vantagens fiscais e alfandegárias. Preconiza igualmente o "livre" emprego, que na realidade se traduz pela precariedade das condições de trabalho e defende o livre intercâmbio econômico e financeiro, mesmo quando protege suas economias.

Esse processo teoricamente se traduziria na especialização de cada país em função de suas vantagens comparativas e numa divisão internacional do trabalho. Todos esses postulados não resistem a uma análise mínima de suas múltiplas incoerências, já demonstradas na realidade, como no caso da Argentina. (Stiglitz, 2002)

A deslocalização

Denomina-se deslocalização ao desalojamento da produção industrial rumo aos países com baixos salários e melho-

res vantagens fiscais. A transferência de numerosas empresas dos países industriais a países como a China e outros do sudeste asiático é um bom exemplo deste processo. Essa região já concentra vários setores da economia industrial a nível mundial. A deslocalização também se dá em direção a certos países da Europa do leste, que oferecem melhores vantagens e baixos salários para as multinacionais, o que atualmente divide a Comunidade Européia dos 25.

Esse fenômeno é um produto da globalização e é o sinônimo da desindustrialização e da destruição do mercado de trabalho nos países industriais. Esse fato produz um crescente desemprego e exclusão social nos países industriais e provoca profundas mudanças econômicas, sociais e culturais.

A deslocalização nos países ricos, a médio prazo, com a exclusão e a marginalidade que são geradas, será a demonstração catastrófica de que os efeitos perversos da globalização também emergem nos países que a impulsionaram e fomentaram (Monnier, 2004; Ramonet, 2004).

A precarização de grandes setores sociais representa um grande desafio para a dignidade humana, no âmbito planetário.

Os movimentos antiglobalização

São movimentos que tiveram sua origem no desmantelamento da ex-URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), realizado nos anos 90. Opõe-se à privatização dos setores públicos como a Saúde, a Educação e os Serviços Sociais, que são concebidos pela globalização neoliberal como mercadorias que devem ser administradas pelo mercado, com a perda total de sua dimensão social e humana. A essas proposições se opõe esse movimento no campo ecológico, econômico, social, educativo e cultural. Suas ações políticas denunciam as conseqüências perversas e os paradoxos que a globalização provoca.

Essa oposição é explicitada por diferentes organizações não governamentais e por iniciativas cidadãs, como a do Fórum Mundial de Porto Alegre no Brasil, entre outras experiências.

A globalização e outras interpretações

Interpretação histórica: referente aos diferentes episódios da dominação ocidental desde o início do colonialismo e pós-colonialismo e à atual dominação hegemônica ocidental na África, América, Ásia e Oceania. Essa interpretação se afirma na perspectiva do respeito à biodiversidade, como sustento vital para todos os seres vivos e como condição para assumir o desafio ecológico.

Interpretação cultural: compreende todo o processo de dominação cultural que envolve a globalização, em seu afã por impor uma cultura hegemônica. Essa perspectiva também nos recorda a necessidade de respeitar a diversidade cultural, que compreende as diversas visões de mundo e os diferentes sistemas e concepções religiosas, fundamentais para preservar a pluralidade e para assegurar as condições vitais para a convivência democrática e intercultural na sociedade humana.

Interpretação social: é referente à ausência de um modelo de sociedade viável, como resposta às mudanças e paradoxos provocados pela globalização, incluídos na problemática da exclusão e no desafio da dignidade humana.

Interpretação econômica: vem da importância da dimensão econômica e financeira da imposição do capitalismo no âmbito mundial.

Interpretação geopolítica: é referente à hegemonia geopolítica que, a nível planetário, os Estados Unidos exercem em termos econômicos, políticos e militares. A atual invasão e destruição do Iraque é um exemplo, com mais de 100 mil vítimas civis. Encontramo-nos diante de uma hegemonia impregnada de etnocentrismo, racismo, nacionalismo e fundamentalismo religioso, como na época colonial.

Interpretação humanista: está relacionada à ausência de respeito aos Direitos Humanos e à ausência de princípios éticos que articulem os fundamentos essenciais da dignidade humana.

Interpretação demográfica: é concernente às migrações, provocadas pelas mudanças e pela ordem injusta, provocada pela globalização do sistema capitalista. A emigração desesperada, principalmente dos países pobres para os mais ricos, apresenta-se como a miragem e a única alternativa para sair da pobreza. Este é um fenômeno a ser estudado nas relações econômicas e sociais do local e do global. A perda de quadros profissionais qualificados, da qual essa situação é coadjuvante, tem o significado de uma sangria inestimável de recursos humanos.

A deslocalização de indústrias nos países ricos desde outras regiões provoca a destruição do tecido social e a ruptura do mercado de trabalho. Esse fato será a causa de um novo capítulo da exclusão e marcará uma nova etapa na história de migrações dos países industrializados do norte.

Interpretação relacionada à educação: defronta-se com as tendências de domínio que a globalização impõe, por meio do controle da informação e dos meios de comunicação, assim como da mensagem ideológica e cultural que esses meios veiculam. Esses desafios à educação, em termos de visões de mundo, em relação aos sistemas de valores, às identidades e suas referências, demandam um importante desafio no quadro das relações entre o local e o global.

Os paradoxos da globalização e as incontestáveis evidências da ausência de um projeto de sociedade viável

Elencar esses paradoxos foi um trabalho elaborado com algumas reflexões pelo próprio autor e em grande medida inspirado pelo Informe da 46ª Conferência Internacional de Educação da UNESCO: Aprender a conviver: estamos fracassando? (UNESCO, 2003). Os paradoxos são produzidos, em grande medida, pelos efeitos perversos da globalização.

O primeiro paradoxo

Localiza-se entre a abertura para um desenvolvimento compartilhado entre os países industriais e a destruição das po-

tencialidades de desenvolvimento, particularmente nas nações menos favorecidas.

O incremento do comércio internacional, as oportunidades de mobilidade pessoal e o avanço extraordinário das telecomunicações oferecem, entre outros aspectos, uma base material para a vida em comum. Mas a forma como se promove a globalização provoca problemas graves em muitos lugares do mundo. Estes problemas se articulam, sobretudo, na destruição do meio ambiente e na deterioração da qualidade de vida de centenas de milhões de habitantes de todos os continentes, acentuando-se as distâncias entre ricos e pobres.

O segundo paradoxo

Consiste em uma profunda contradição que se dá entre a proliferação dos conhecimentos científicos e os desequilíbrios que provocam nas áreas em que se aplicam.

As formas de produção e de consumo energético do século XXI, a modernização transferida do Norte para o Sul e o crescimento da população em certas regiões do mundo produzem efeitos perversos e sérios danos no meio ambiente (UNESCO, 2003).

Um bom exemplo desse paradoxo é a Amazônia, cuja órbita se estende por 5,5 milhões de quilômetros quadrados, quase o equivalente a uma vez e meia o atual território da Comunidade Européia (dos 25 países). A Amazônia está repartida entre sete países, entre os quais o Brasil, que possui aproximadamente 70% de seu território. Incêndios involuntários e desflorestamento têm destruído mais de 630.000 km² de florestas, o equivalente a duas vezes o território da Itália. No ano de 2003, mais de 24.000 km² foram desflorestados, ou seja, um território equivalente à Ilha da Sardenha. A devastação é provocada pela expansão de cultivos agroindustriais como a soja, o gado e o desflorestamento (Allemand, 2004).

A biotecnologia avança na construção de conhecimentos para resolver problemas muito diversos, porém se desconhecem as conseqüências e os efeitos posteriores de suas aplicações. A aplicação dessas tecnologias em áreas da produção de alimentos tem que levar em conta esses riscos.

O terceiro paradoxo

Na etapa atual, a humanidade dispõe de um desenvolvimento de conhecimentos em nível internacional os quais poderiam melhorar consideravelmente a qualidade de vida de toda a humanidade, porém são conhecimentos que não se aplicam nem se aprendem de forma equitativa. Quase um bilhão de pessoas vivem sem acesso à água potável; 2 bilhões e 400 milhões não têm acesso à sanidade básica; mais de 2 milhões morrem por ano devido à contaminação ambiental, e 34 milhões sobrevivem com AIDS ou HIV (PNUD, 2001, p. 11). Em apenas dois anos, a porcentagem da população mundial que utiliza Internet passou de 2,4% a 6,7%, enquanto que, por exemplo, na Suécia, Estados Unidos e Noruega, essa cifra se eleva a mais de 50%. Na China, África do

Sul e Brasil, o percentual está abaixo de 10%. A brecha no uso de novas tecnologias da informação é cumulativa, com diferenças no acesso à eletricidade, aos tratores, ao telefone e outras inumeráveis tecnologias do século XX (PNUD, 2001, p. 42-43).

O quarto paradoxo

Nunca antes a humanidade produziu tanta riqueza, porém nunca antes houve tanta desigualdade.

Em 1990, segundo o Banco Mundial no ano de 2001, 2 bilhões e 718 milhões de pessoas, ou seja, 45% da população mundial, viviam com menos de 2 dólares por dia; em 1998, eram 2 bilhões e 800 milhões. Atualmente se estima que 1 bilhão e 200 milhões de pessoas vivam com menos de 1 dólar por dia.

Atualmente, sob essas condições, cada vez mais assistimos a uma emigração desesperada, em nível planetário, dos países mais pobres para os países mais ricos. A miragem da migração, como opção para melhorar a qualidade de vida, restaura o mito do desenvolvimento, proposto pelos países ricos, como solução à pobreza nos anos 60. O caso trágico da emigração do norte da África para a Europa e a situação dos imigrantes clandestinos nos Estados Unidos, entre outros, são dois dos dramas humanitários contemporâneos mais importantes e constituem um grande desafio para todos nós: o desafio de assumir o respeito pela dignidade humana.

Cada vez mais pessoas jovens e educadas abandonam seus lugares de origem para buscar – com ou sem êxito – uma melhor qualidade de vida, onde for possível. As migrações sempre vieram a enriquecer os países, porém representam igualmente um grande desafio e criam novos dramas e problemas.

Os pobres buscam nos países ricos espaços de sobrevivência que não são acolhedores, nem generosos. Os casos de maus tratos, de racismo e de xenofobia que sofrem os imigrantes são inumeráveis.

A história das migrações tem marcado a história da humanidade. Atualmente, com o fenômeno da deslocalização, que provoca o fechamento das empresas e a destruição do mercado de trabalho nos países ricos, muitos dos habitantes de origem, que participaram do povoamento desses países, são também excluídos e serão obrigados igualmente a emigrar, como os excluídos do Sul.

O quinto paradoxo

Como assumir a diversidade cultural? Como respeitar as diferentes visões de mundo, as diversas crenças religiosas?

Como assumir a multiculturalidade de nossas sociedades? Como assumir nossa pluralidade e como poderíamos conviver, respeitando nossas diferenças, sem chegar aos extremos da perversidade do racismo, da xenofobia e da marginalidade? Essas são as grandes perguntas para responder hoje em dia e constituem, entre outros, os grandes desafios atuais. A educação, nesse contexto, tem um grande combate a assumir.

A globalização é apresentada como uma grande abertura, mas é na verdade uma ameaça de uniformização cultural, que põe em perigo a preservação da diversidade cultural, despertando conflitos e recolhimentos identitários e nacionais, facilitando assim a emergência das inevitáveis conseqüências da intolerância e do racismo.

Atualmente o racismo, no contexto europeu, constitui uma ideologia política de massas (Marín, 2002; 2003). Não somente se renegam as culturas, mas também os idiomas maternos. A língua tem uma extraordinária importância, uma vez que organiza o conhecimento de nossos ecossistemas, pela nomenclatura. A língua é vital para construir nossas identidades e expressar nossa percepção de mundo e a concepção de nossas sociedades.

A dominação cultural e lingüística é coadjuvante da perda do patrimônio cultural de toda a humanidade. A imposição do inglês como língua veicular empobrece as culturas e as línguas locais.

O sexto paradoxo

Em 1980, 81 países deram passos significativos para a democracia; 33 regimes militares foram retomados por governos civis; fez-se mais transparente a presença e a ingerência das ONGs (PNUD, 2002, p. 10). Porém a possibilidade de realizar a democracia encontra grandes obstáculos. É evidente o enfraquecimento dos Estados-Nação como modelos políticos para organizar institucionalmente a sociedade, diante da emergência dos poderes e das instituições transnacionais, que controlam os novos setores de poder das finanças, da informação e das comunicações e determinam as decisões do poder político sobre a sociedade. O caso da crise argentina é um bom exemplo dessa dramática realidade (Lewkowicz, 2003; Stiglitz, 2002; UNESCO, 2003).

Entre 1992 e 1995, morreram na Bósnia aproximadamente 200 mil pessoas, e 500 mil morreram em Ruanda em 1994. De março de 2003 a outubro de 2004, são cem mil as vítimas civis da invasão norte-americana no Iraque.

Na atualidade, a imposição militar da hegemonia geopolítica dos Estados Unidos cria a insegurança no destino da humanidade. Essa incerteza se encarna na tragédia imposta ao povo iraquiano.

A globalização e seus paradoxos

Primeiramente, é necessário compreender que a globalização atual do sistema econômico capitalista sob o signo da ideologia neoliberal não é sinônimo de "livre comércio"; assinalar essa premissa permitir-nos-á compreender as transformações sociais que se estão produzindo nos últimos vinte anos.

Identificamos a ideologia neoliberal com a depauperação e o desmantelamento do Estado. Esse processo histórico implica que as decisões mais importantes escapam da gestão dos governos estatais pretensamente democráticos. As decisões são tomadas de acordo com os interesses das empresas multina-

cionais e dos organismos internacionais, como o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). A influência preponderante dessas instituições sobre a orientação que deve tomar o desenvolvimento econômico, social, cultural e educativo do mundo é um dos aspectos da globalização que é importante que seja assinalado e mais investigado (Dasen e Marín, 1996).

Os setores democráticos e todas as instituições da sociedade civil teriam que assumir um papel fiscalizador mais importante nesse processo. Necessitamos ter uma visão global de nossas sociedades, para melhor compreender as implicações e conseqüências da globalização sobre as mesmas e sobre nossa vida cotidiana, em outros trabalhos e outros setores importantes como o social, a saúde pública e a educação.

Os antecedentes históricos da globalização, entendida como um complexo processo histórico de dominação, encontram suas origens na colonização da América, da África e, posteriormente, da Ásia e da Oceania. Esse processo de dominação nos mostra a tendência a universalizar os sistemas econômicos, políticos, religiosos, culturais e educativos.

Entre os desafios mais importantes a assinalar no terreno do conhecimento, no quadro da dominação cultural, poderíamos pensar no elevado custo das novas tecnologias, que são a origem e a criação de novas dependências, como sustento da dominação e do intercâmbio desigual.

Os desafios da globalização

O início do terceiro milênio está marcado por mutações econômicas, sociais e culturais profundas, que questionam as certezas e as verdades universais impostas desde muito tempo e nos obrigam a recriar o sentido da vida e a realizar esforços para imaginar um projeto de sociedade viável. Entre os desafios mais importantes a assinalar, poderíamos pensar no desafio ecológico, no desafio ético e da dignidade humana, no desafio social e econômico e nos desafios da globalização no domínio da educação.

O desafio ecológico: Este desafio traduz-se pelo respeito à biosfera, pelo respeito à biodiversidade, o que implica evitar toda a destruição sistemática dos ecossistemas por um processo de industrialização que não integrou a natureza como fator primordial da produção. Os conhecimentos científicos e as tecnologias que sustentam o processo de industrialização ignoraram a capacidade da natureza para suportar todos os efeitos contrários à sustentação de seu equilíbrio.

É urgente repensar a aliança vital entre a NATUREZA e a CULTURA, como fundamento essencial na construção do saber científico e tecnológico.

A catástrofe de Chernobyl na Ucrânia, em 1986, revela os limites dessa visão de mundo e nos expõe um grande desafio epistemológico. A ausência da natureza no pensamento científico atual nos explica a incapacidade tecnológica para controlar a radioatividade, a destruição da camada de ozônio, o manejo dos resíduos industriais e radioativos. O perigo das manipulações biogenéticas

e suas conseqüências posteriores e o uso irracional de tecnologias, em cuja concentração está ausente a dimensão ecológica, são os fatores de uma nova geração de enfermidades.

Necessitamos integrar a dimensão ecológica não só em termos da economia, mas também em todos os domínios nos quais se constrói o conhecimento. A educação é o território no qual pode produzir-se a reconciliação entre a natureza e a cultura. Evidentemente, este é um aspecto que implica repensar nossas visões de mundo, que são aquelas nas quais se encontram as raízes da crise ecológica contemporânea (White, 1976).

A preservação dos climas e o respeito pela biodiversidade foram os temas de discussão nas reuniões internacionais do Rio de Janeiro em 1992 e ultimamente em Kyoto em 1997 (Ramonet *et al.*, 2003). Esses acordos internacionais, para preservar a biodiversidade e o clima, contam com a oposição aberta dos Estados Unidos da América, que argumentam segundo a oposição entre esses acordos e o "progresso econômico".

O desafio ético e a dignidade humana: É primordial considerar esses aspectos como premissa para afrontar o desafio ecológico e assumir um novo projeto de sociedade. A capacidade de respeitarmos aos demais é a base da construção da dignidade humana.

Atualmente, a falta de ética se traduz na corrupção do sistema político que supostamente deve administrar a democracia. O caso dramático da invasão norte-americana e seus aliados no Iraque pretende justificar-se em nome da imposição militar da liberdade e da democracia, que disfarça muito mal uma verdadeira guerra de saques imperiais, para apropriar-se pela força dos jazigos petrolíferos desse país.

A dignidade nos permite ocupar um lugar na sociedade, sustentada no reconhecimento e no respeito de nossos direitos. Esse reconhecimento é a base sobre a qual se constroem nossas identidades e a partir das quais logramos dar um sentido à nossa existência. A educação tem uma grande tarefa na proteção e na preservação da dignidade, desde o âmbito familiar até a escola. Entretanto, essas afirmações contrapõem-se aos paradoxos da exclusão desumanizante que a globalização produz, com mais da metade da humanidade completamente marginalizada e em condições miseráveis (ver os paradoxos anteriormente explanados).

Trabalhar contra a depreciação ou autodepreciação, que impõe a dominação, é uma das grandes tarefas da educação. Não esqueçamos que depreciar, para justificar a opressão, foi a regra de ouro desde a época da dominação colonial. Reconstruir a estima e o respeito de que todos necessitamos é uma árdua tarefa. Não somente se valorizam as pessoas, mas também se devem valorizar suas culturas e seus idiomas, uma vez que esses organizam seus conhecimentos, pela nomeação.

O exemplo de impor, na região andino-sul-americana, uma educação oficial com a cultura ocidental e o castelhano como cultura e idioma oficiais, dominantes nas zonas andinas, nas quais as culturas e os idiomas como o quéchuá e o aymara, durante muitos séculos, conseguiram classificar mais de mil variedades de batatas, dando um nome a cada variedade, é um ato de destruição cultural, um etnocídio. Proibir os idiomas que organizam o conhecimento dos saberes locais, pela nomeação dos ecossistemas, significa um

ato de destruição do patrimônio cultural andino, patrimônio esse que levou séculos para construir-se. O castelhano tem somente uma palavra para nominar a batata. Esse exemplo histórico é muito eloqüente para revelar a relação desigual entre saberes locais e os saberes pretensamente universais, ou globais.

O idioma é o espírito e o veículo da dimensão afetiva das culturas. Reconhecer que os "outros" também possuem conhecimentos é admitir o valor e a pertinência de suas culturas e é também outorgar-lhes uma posição de interlocutores. Todas essas são premissas fundamentais para construir o diálogo intercultural, como fundamento democrático da educação.

O desafio social e econômico: O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação representa um grande avanço tecnológico para a educação, com o paradoxo de que nem todos os seres humanos podem ter acesso a essas tecnologias, por seus custos elevados. Os paradoxos demonstram bem esse fato. A fragmentação social se estende e contém os riscos da crescente exclusão que a globalização provoca.

A informática e a robótica transformaram profundamente a paisagem industrial, e conhecemos a gravidade das fraturas sociais que vieram com sua implementação. O mercado de trabalho foi reduzido ou destruído, em muitos casos, provocando altos percentuais de desocupação, o que por sua vez provoca uma grande destruição do tecido social, fragmentando as famílias e os indivíduos, que sofrem esse processo de marginalização.

A perda dos postos de trabalho provoca uma crise de identidade, uma crise existencial, mais ainda na sociedade industrial, na qual a única identidade que os trabalhadores possuem é a de seu próprio trabalho. Perder o trabalho é perder seu lugar na sociedade, o que pode significar um grande drama, o qual se estende igualmente a suas famílias, que sofrem o estigma implicado nessa situação. Essa exclusão crescente destrói a dignidade e a identidade de quem sofre, como sujeito, esse processo.

Atualmente não existe um projeto de sociedade viável, capaz de responder aos desafios ecológicos e éticos e aos aspectos concernentes à dignidade humana. A construção de um projeto de sociedade somente será possível se assumirmos o respeito à biodiversidade, à diversidade cultural e às diversas visões de mundo e de crenças religiosas que os diversos povos do planeta possuem.

O grande desafio é pensar em uma sociedade que nos permita SER, para podermos realizar nossas aspirações mais nobres e não nos limitarmos a POSSUIR, reduzindo nossa vida a produzir e a consumir, como fazemos compulsivamente hoje em dia.

Os desafios da globalização no domínio da educação

Os desafios são múltiplos, na medida em que uma grande parte das referências e fundamentos sobre os quais temos construído nossos conhecimentos encontra-se em uma profunda mutação. A época das certezas da mitologia do saber universal já teve seu colapso com a catástrofe de Chernobyl. O mundo contemporâneo tem sofrido profundas mudanças, e o grande desa-

fiu para todos nós é contribuir coletivamente para construir um projeto de sociedade viável.

A sociedade humana necessita reconstruir-se e refletir sobre a função da educação no contexto atual da globalização.

Refletir sobre a educação, construir conhecimentos e didáticas para proceder suas ações, já não é mais a tarefa de alguns indivíduos e sim uma tarefa que compromete o conjunto da sociedade, que se confronta com múltiplos desafios.

A educação é a instituição social, por excelência, que responde à pergunta universal que se propõe a todas as culturas: Como proceder à ação com os conhecimentos e as visões de mundo, os sistemas de valores e outras referências, necessários para dar um sentido a nossas vidas?

Haveria a necessidade de se proporem muitas perguntas:

- Como proceder ao trabalho pedagógico com as visões de mundo que associam a natureza e a cultura?
- Como proceder a uma educação que preserve a biodiversidade, a diversidade cultural, a pluralidade e as diferentes concepções religiosas?
- Como proceder a sistemas de valores que recriem a solidariedade e reforcem uma dimensão humana coletiva, sabendo que todos necessitamos de todos os demais?
- Como proceder a concepções que associem o global e o local?
- Como proceder a concepções que reestabeçam em nosso pensamento as relações entre as partes e o todo?
- Como proceder aos conhecimentos que associem as projeções, as identidades e as transferências entre o racional, o emocional e o afetivo, concebidos como uma totalidade?
- Como construir os conhecimentos e como proceder para comunicar os mesmos, a partir do contexto natural de nossos sistemas ecológicos e de nosso contexto histórico, cultural, social e político?
- Como projetarmos nosso trabalho educativo a partir de nossos próprios sistemas de valores, levando em conta que o processo de globalização, ao privilegiar o individualismo, tende a perverter os fundamentos da solidariedade e, dessa maneira, busca degradar os princípios da coletividade?

A ideologia neoliberal considera que o indivíduo é o ator principal da sociedade, totalmente isolado dos demais, divorciado da sociedade real na qual vive. O individualismo encarna um egocentrismo no qual se incorporam os novos valores que asseguram o êxito, tais como a competitividade, a mobilidade, o pragmatismo, o utilitarismo e a monetarização das relações humanas.

A concepção neoliberal não leva em conta uma realidade na qual o homem não se constrói só, em que todos nós nos construímos mutuamente e que não pode existir o "eu" sem o "tu".

Algumas modestas sugestões

- Definir o contexto local, a partir do qual trabalhamos, valorizando o que somos e o que sabemos, para podermos relacionar-nos nas melhores condições com o global.

- Assinalar a importância de definirmos, desde a realidade e desde a prática nas quais se constroem nossos conhecimentos, os aspectos da complexidade e da multidimensionalidade de nossas sociedades.
- Projetarmos o futuro, a partir de nossas referências espaciais e culturais, da diversidade, do contexto ecológico no qual se constroem nossos conhecimentos e a partir da rica diversidade cultural que impregna a realidade brasileira e latino-americana.
- Construímos nossas vidas a partir de nós mesmos, de nossa própria auto-estima, valorizando o que somos, como condição primeira para crescermos em nossas possibilidades, a partir de nossa realidade, reforçando assim nossa dignidade, que é fundamental para crescermos e projetarmos nós mesmos. A tomada de consciência histórica é fundamental para compreender o presente e imaginar o futuro.
- Superar a perda da auto-estima é uma conquista que está em relação direta com a aceitação da valorização de nossos saberes e percepções, considerados como "inferiores", ou subdesenvolvidos.
- Revalorizar os saberes locais passa por revalorizar a estima e a dignidade das pessoas que os possuem. A dimensão afetiva é capital no trabalho educativo: não somente se procede à comunicação dos conhecimentos, mas também de afetos portadores do reconhecimento de que todos necessitamos.
- Definir o local e o global, para construir um conhecimento que explique as relações e as implicações que existem entre essas duas dimensões.

Algumas questões

- Como integrar os fragmentos para reconstruir a totalidade e ter em conta suas múltiplas dimensões, sua complexidade e sua multiculturalidade?
- Como refazer o "olho de peixe", para recuperar uma visão global de 360°, longe da focalização na qual nos temos encerrado e limitado por tanto tempo, utilizando-nos da educação dominante, da racionalidade e do positivismo ocidental?
- Como unificar em uma só ótica os conhecimentos locais e os conhecimentos globais, estabelecendo-os em seus diferentes contextos e buscando construir sua complementaridade?

Algumas prováveis respostas

Na busca de uma perspectiva intercultural que admita a igualdade dos conhecimentos, para além de toda categorização e hierarquização que nos foram impostas pelo etnocentrismo da dominação cultural ocidental, a perspectiva intercultural pode permitir-nos revalorizar os saberes locais e criar as condições para

compartilhá-los, em uma perspectiva de complementaridade que vá para além da mesquinha realidade da lógica do saber, traduzido como poder e como dominação.

Trata-se de associar os conhecimentos produzidos pelo ocidente com os conhecimentos produzidos pelas culturas tradicionais, locais ou regionais, considerando seus contextos de produção.

Como exemplo concreto dessas reflexões, podemos citar o caso da experiência do Programa de formação de professores indígenas em educação bilingüe e intercultural, que atualmente funciona em Zungarococha, perto da cidade de Iquitos, na Amazônia peruana.

Essa experiência educativa é muito importante, na medida em que nos permite imaginar como assumir as relações entre os conhecimentos locais e os conhecimentos universais ou globais, utilizando a perspectiva intercultural.

O programa parte do princípio de que é possível construir um sistema educativo capaz de elaborar um programa de estudos que incorpore os saberes locais indígenas, aduzidos pelos especialistas indígenas de cada uma das etnias que participam do programa, associando-os aos saberes da educação ocidental (universal/global), que são elaborados pela equipe interdisciplinar de professores.

Os princípios em que se baseia esse programa são:

- A associação da educação tradicional com a escola ocidental.
- A impugnação de um sistema único de escola.
- A repulsa por uma oposição da escola tradicional com a escola "moderna" (oficial).
- A oposição a uma ideologia assistencialista.
- A rejeição de uma simples tradução da cultura ocidental aos moldes da educação bilingüe.
- A afirmação de uma educação bilingüe e intercultural.
- A aprovação da aprendizagem do castelhano como segunda língua.
- A sinalização favorável a uma educação vinculada à ecologia (associando a natureza com a cultura).
- A afirmação de uma educação associada à realidade socioeconômica, política e cultural (Marín, 2002, p. 135).

Esses fundamentos educativos tratam de evitar as falsas oposições, próprias à imposição de uma cultura dominante, e buscam a complementaridade, o diálogo dos saberes, a interação, com base na modéstia e na escuta do "outro", no respeito da outra cultura e de seus saberes. Estas são as condições para construir um programa desse tipo: uma educação que parte do reconhecimento de todos os atores, respeitando sua dignidade e fundamentando-se no diálogo.

Uma das principais originalidades da revalorização dos conhecimentos ecológicos tradicionais indígenas pode ser a "Proposta de regime de proteção aos conhecimentos dos povos indígenas sobre a regulação, ao acesso aos recursos genéticos". O Peru é, assim, um dos poucos países, juntamente com o Panamá, a Bolívia e as Filipinas, que propôs um regime *sui generis* para preservar conhecimentos ancestrais (Galvin, 2002).

Esses conhecimentos locais, sobre a biodiversidade da Amazônia, reconhecidos globalmente, podem ser talvez um exem-

plo para imaginar uma relação democrática entre os conhecimentos locais e os conhecimentos globais ou universais.

Esse programa obteve, em 2002, o reconhecimento da cooperação internacional da América Latina como um dos melhores projetos, e, no ano de 2004, a Fundação Andrés Bello veio a conceder-lhe um prêmio.

- A perspectiva intercultural se dá em um processo de inter aprendizagem, sem as perversidades que criaram as relações entre culturas dominantes e culturas dominadas. A ótica intercultural nos permite criar as condições para realizar um diálogo intercultural que permita o reconhecimento de que todos somos capazes de produzir conhecimentos.
- Reconhecer que cada um possui conhecimentos é o princípio fundamental para construir a dignidade de que todos necessitamos.
- A preservação da dignidade e a incorporação da dimensão afetiva são essenciais para realizar toda a aprendizagem, nas melhores condições.
- Denegrir as percepções e os saberes locais implica igualmente um processo que vem erodindo a dignidade e a identidade de quem sofre essa agressão e que, em muitos casos, termina assumindo "sua inferioridade".
- Trata-se de refletir sobre os efeitos nefastos do colonialismo mental, sobre a necessidade de pensar a partir de nossas realidades e construir a teoria, a metodologia e a didática apropriadas a nossas realidades cotidianas, sem negar a valiosa abordagem do conhecimento teórico, metodológico e didático de outras realidades. As perguntas são:
 - Como relacionar em uma só ótica os conhecimentos locais e os conhecimentos universais ou globais, estabelecendo-os em seus diferentes contextos e buscando assinalar os aspectos comuns e válidos que nos permitam construir a complementaridade, para evitar todas as falsas e aberrantes oposições que a dominação cultural criou e que opõem:
 - a cultura à natureza;
 - a cultura escrita à cultura oral;
 - a intuição à racionalidade.
 - Como pensar a partir de nós mesmos, dos povos do Brasil, do contexto sul-americano, do nosso continente indígena, europeu, africano, asiático e de nossa mestiçagem cultural, para crescermos e construirmos um projeto de sociedade viável, a partir do que somos?
 - Como crescer a partir de nossas raízes, desde nossas flores e desde nossos frutos, desde nossas realidades e em função de nossas necessidades, abertos ao mundo como se abrem os ramos de uma araucária, para namorar o horizonte?
 - Como estar abertos ao mundo exterior e pensar localmente para agir globalmente?

Algumas proposições, inspiradas na valiosa contribuição de Edgar Morin, em suas reflexões sobre "Os sete saberes necessários para uma educação do futuro", parecem-me pertinentes (Morin, 2000).

Educação para construir uma visão global

- Utilizar uma ótica e uma prática interdisciplinar que nos permitam abordar a multidimensionalidade da realidade, para tratar de compreender a complexidade.
- Entender e valorizar a diversidade das inteligências, para criar as condições de um diálogo intercultural que nos permita compartilhar os conhecimentos em uma perspectiva de complementaridade; por exemplo, entre os conhecimentos da medicina tradicional e os da medicina ocidental.
- Educação para o erro, para a ilusão e para o conflito. Educação para os diferentes tipos de erros; para entender a rigidez dos paradigmas; para acompanhar a incerteza e a dinamicidade do conhecimento. O conflito também é uma fonte de aprendizagem.
- Educação sobre nossa condição humana.
- Educação sobre nossa condição cósmica e sobre a diversidade humana.
Educação intercultural, que nos permita respeitar a diversidade e a pluralidade dos indivíduos.
Valorização da dimensão afetiva, fundamental para a comunicação e a ação com os conhecimentos.
- Educação para a importância da ética.
Tomada de consciência sobre os desafios éticos, ecológicos e as ameaças que devemos enfrentar para defender a dignidade humana.
Tomada de consciência sobre os limites da modernidade.
Educação para a necessidade do otimismo e da esperança.
- Educação para a compreensão.
Contra o egocentrismo e o etnocentrismo e contra todo reducionismo.
Tomada de consciência da complexidade humana.
Interiorização da modéstia e da intolerância.
Educação por uma ética, como fundamento de uma cultura planetária
- Educação política.
Uma educação que fomente a participação e o diálogo entre os cidadãos como seu fundamento.
Uma educação política por uma democracia participativa, capaz de fazer viver os princípios desse paradigma, tão evocado e tão pouco praticado.

Algumas reflexões finais ao modo de uma conclusão

- Definir a importância da História como uma contribui-

ção fundamental para compreender as origens e para saber situar-nos no presente, e assim podermos vislumbrar o futuro.

- Definir a importância da interdisciplinaridade como a única possibilidade para recuperar a visão global e manejar os conceitos de totalidade, de globalidade e de interculturalidade.
- Associar a democracia como base para a gestão social e política e apoiar-nos na perspectiva intercultural como fundamento para a gestão de nossa diversidade cultural.
- Definir os conhecimentos locais em função do contexto ecológico no qual se produzem, valorizando seu domínio e relativizando-os em função da existência de outros conhecimentos, produzidos em outros contextos com características próprias, e circunscrevê-los a essas realidades.
- Construir uma concepção educativa para associar conhecimentos locais e conhecimentos globais que nos permita pensar localmente para atuar globalmente.

Esse debate sobre a globalização, como quadro histórico das relações entre conhecimentos locais e globais ou universais, está em construção. Portanto, esse ensaio tem um caráter introdutório e limitado sobre uma problemática muito ampla e complexa. Isso pode explicar por que minha reflexão contribui com mais perguntas do que respostas.

Referências

- ALLEMAND, A. 2004. Lula parle sur les industriels pour sauver l'Amazonie. *Tribune de Genève*, 6 de agosto de 2004, p. 3.
- GALVIN, M. 2002 La política peruana de gestión de la biodiversidad: un objetivo de conservación al servicio del desarrollo. In: C. AUROI e S. BOSSIO (Eds.), *A dónde va el Perú: balance del fujimorismo y preguntas para el futuro*, Cusco-Genève, CBC/IUED, p. 90-121.
- LEWKOWICZ, I. 2003. *Espacios argentinos: caceroleso y subjetividad post-estatal*. Buenos Aires, Paidós, 250 p. (Colección espacios del saber).
- MARÍN, J. 2002. Perú: Estado e indigenismo en mutación: el caso de Amazonia peruana. In: C. AUROI e S. BOSSIO (Eds.), *A dónde va el Perú: balance de fujimorismo y preguntas para el futuro*, Cusco-Genève, CBC/IUED, p. 123-144.
- MARÍN, J. 2003. Globalización, diversidad cultural y práctica educativa. *Diálogo Educativo*, Programa de Pós-Graduação em Educação – PUCPR, 4(8):11-32.
- MORIN, E. 2000. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6.ª ed., Brasília, UNESCO / Cortez Editora, 118 p.
- MONNIER, C. 2004. La délocalisation oui! La brutalité sauvage non! *Tribune de Genève*, septembre, p. 2-22.
- PNUD. 2001. *Informe sobre desarrollo humano 2001: poner el adelanto tecnológico al servicio del desarrollo humano*. Mexico, Ediciones Mundi-Prensa. Disponível em: <http://www.undp.org/hdr2001/spanish/>, acesso em: 30/11/ 2003.
- PNUD. 2002. *Informe sobre desarrollo humano 2002: profundizar la democracia en un mundo fragmentado*. Madrid, Ediciones Mundi-Prensa. Disponível em: <http://www.undp.org/hdr2001/spanish/>, acesso em: 30/11/2003.
- RAMONET, I. 2004. China megapuisseance. *Le Monde Diplomatique*, nº 605, p. 1.

RAMONET, I.; CHAO, R. e WOSNIAK. 2003. *Abécédaire partiel et partial de la mondialisation*. Paris: Plon, 440 p.

STIGLITZ, J. 2002. *El malestar de la globalización*. Buenos Aires, Editorial Taurus, 348 p.

UNESCO. 2003. Aprender a vivir juntos: hemos fracasado? Informe de la 46ª Conferencia Internacional de la UNESCO. Ginebra, UNESCO/BIE, 120 p.

WHITE, L. 1976. *Les origines historiques de la catastrophe écologique*. [Documento não publicado].

Referências complementares

- BERGER, G.; ARDOINO, J.; ROCHA, J; BARBIER, R. e MACEDO, R. (Eds). 2003. *Educação Et pluralidade*. Brasília (DF), Plano Editora, 150 p.
- CAMILLERI, C. 1993. Le relativisme: du culturel à l'interculturel. In: F. TANON & G. VERMES (Ed.), *L'individu et ses cultures*, Paris, L'Harmattan, p. 34-39.
- CHOMSKY, N. e DIETRICH, H. 1998. *La aldea global*. Tafalla (Espanha), Txalaparta, 207 p.
- DASEN, P. e MARIN, J. 1996. La modernité éducative à la conquête du monde? In: D. HAMELINE e J. VONÈCHE (Eds.), *Jean Piaget: agir et construire: aux origines de la connaissance chez l'enfant et le savant*, Genève, Faculté de Psychologie et de Sciences de l'Éducation, Université de Genève / Musée d'Ethnographie, 173 p.
- DEMORGON, J. 1998. *L'histoire interculturelle des sociétés*. Paris, Anthropos, 314 p.
- DEMORGON, J. 2000. *L'interculturalisation du Monde*. Paris, Anthropos, 168 p.
- GEERTZ, C. 1997. *Savoir local, savoir global: les lieux de savoir*. Paris, PUF, 296 p.
- GIORDAN, A. 1988. *Apprendre*. Paris, Débats Belin, 254 p.
- HALLAK, J. 1998. *Education et globalisation*. Paris, UNESCO, 28 p.
- HOBBSAWM, E. 1999. *L'âge des extrêmes: histoire du court XXème siècle*. Paris, Editions Complexe / Le monde Diplomatique, 810 p.
- HUNGTINTON, S. 1997. *Le choc des civilisations*. Paris, Editions Odile Jacob, 402 p.
- LAPLANTINE, F. e NOUSS, A. 1997. *Le métissage*. Paris, Dominos / Flammarion, 83 p.
- LATOUCHE, S. 1989. *L'occidentalisation du monde*. Paris: Agalma / La Découverte, 183 p.
- LEITE GARCIA, R. (Ed.) (2003) *Métodos contramétodo*. São Paulo, Cortez, 208 p.
- LONGO, T. 2001. *Philosophie et politiques Néo-Libérales de l'éducation dans le Chili du Pinochet, 1973-1983*. Paris, L'Harmattan, 377 p.
- MARIN, J. 1994. Ethnocentrisme et racisme dans l'histoire européenne dans le cadre de la conquête de l'Amérique et perspective actuelle. In: C. ALLEMANN GHIONDA (Ed.), *Multikultur und Bildung in Europa. Multiculture et éducation en Europe*, Bern, Peter Lang, p. 181-196.
- MARÍN, J. 1996. Le développement durable et la dimension interculturelle. In: A. GIORDAN e J. DENIS-LEMPEREUR (Eds.), *12 questions d'actualité sur l'environnement*, Nice, Ministère de l'Environnement / Z'éditions, p. 127-130.
- MARÍN, J. 2000. Une éducation appropriée aux peuples autochtones d'Amérique Latine. In: PERREGAUX e P. DASEN (Eds.), *Pour quoi des approches interculturels en éducation*, Bruxelles, De Boeck Université, p. 261-280.
- MARÍN, J. 2004. Mondialisation, éducation et diversité culturelle. In: A. AKKARI e Pierre DASEN (Eds.), *Pédagogues et pédagogies du Sud*, Paris, L'Harmattan, p. 349-370.
- NAIR, S. *El imperio frente a la diversidad del mundo*. Barcelona, Areté, 175 p.
- PENA-VEGA, A; ALMEIDA, C. R. e PETRAGLIA, I. 2003. *Edgar Morin: ética, cultura e educação*. 2ª ed., São Paulo, Cortez Editora, 175 p.
- PERSPECTIVA, Dossiê: Estudos sobre a escola: dimensões sociológicas e políticas. 22(1):1-2766.
- PNUD. 2000. *Human development report 2000: human rights and human development*. New York, Oxford University Press, 304 p.
- RESZLER, A. 1990. *Le pluralisme: une idée dominante de notre fin de siècle*. Genève, Institut Universitaire d'Études Européennes/Georg, 161 p.
- RODRIGUEZ, N.; MASFERRER, K. e VARGAS VEGA, R. (Eds.). 1983. *Educación, etnias y descolonización en América Latina: una guía para la educación bilingüe intercultural*. Mexico, UNESCO / Instituto Indigenista Interamericano, 543 p.
- SANTOS, M. 2000. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Editora Afiliada, 174 p.
- TORRES SANTOME, J. 2000. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Porto Alegre, Artmed Editora, 348 p.
- UGARTECHE, O. 1999. *Arqueología de la modernidad*. Lima, Desco, 248 p.
- WARNIER, J.-P. 1999. *La mondialisation de la culture*. Paris, La Découverte, 120 p. (Coll. Repères).

Submetido em: 16/05/2007

Aceito em: 30/05/2007